

ARUNDHATI ROY

# O ministério da felicidade absoluta

*Tradução*

José Rubens Siqueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Arundhati Roy

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Ministry of Utmost Happiness

*Capa*

Two Associates

*Foto de capa*

Mayank Austen Soofi

*Preparação*

Alexandre Boide

*Revisão*

Márcia Moura

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Roy, Arundhati

O ministério da felicidade absoluta / Arundhati Roy ; tradução  
José Rubens Siqueira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2017.

Título original: The Ministry of Utmost Happiness

ISBN 978-85-359-2932-4

1. Ficção indiana (inglês) 2. Título.

---

17-04201

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção indiana em inglês: 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para,  
Os inconsoláveis*

*Quer dizer, é tudo uma questão do seu coração...*

Nâzim Hikmet

# Sumário

1. Aonde vão as aves velhas para morrer? . . . . .	13
2. Khwabgah . . . . .	17
3. A natividade . . . . .	113
4. Dr. Azad Bhartiya . . . . .	146
5. A lenta busca inútil . . . . .	156
6. Algumas perguntas para depois . . . . .	160
7. O locador . . . . .	163
8. A locatária . . . . .	241
9. A morte prematura de Miss Jebin Primeira . . . . .	341
10. O ministério da felicidade absoluta . . . . .	435
11. O locador . . . . .	466
12. Ghih Kyom . . . . .	474
<i>Agradecimentos</i> . . . . .	479

*Na hora mágica, quando o sol se foi mas a luz não, exércitos de raposas-voadoras se soltam das figueiras do velho cemitério e pairam sobre a cidade como fumaça. Quando os morcegos vão embora, os corvos voltam. Nem toda a agitação de sua volta para casa preenche o silêncio deixado pelos pardais que se perderam e pelos velhos abutres de dorso branco, zeladores dos mortos há mais de cem milhões de anos, que foram exterminados. Os abutres morreram de envenenamento por diclofenaco. O diclofenaco, aspirina de vaca, dado ao gado como relaxante muscular, para diminuir dor e aumentar a produção de leite, funciona — funcionou — como gás mostarda para os abutres de dorso branco. Cada vaca ou búfala leiteira que morria quimicamente relaxada tornava-se isca venenosa de abutre. Com o gado se transformando em máquinas leiteiras melhores, a cidade passou a consumir mais sorvete, caramelos crocantes, pés de moleque e chips de chocolate, a beber mais milk-shakes de manga, e então o pescoço dos abutres começou a pender como se estivessem cansados ou simplesmente não conse-*

*guissem ficar acordados. Barbas prateadas de saliva pendiam de seus bicos e um a um eles caíram dos galhos, mortos.*

*Pouca gente notou o fim das velhas aves mansas. Havia muito mais coisas a desejar.*

# 1. Aonde vão as aves velhas para morrer?

Ela morava no cemitério como uma árvore. Ao amanhecer, despedia-se dos corvos e dava as boas-vindas aos morcegos. Ao anoitecer fazia o contrário. Entre um turno e outro, conferenciava com os fantasmas dos abutres que assomavam em seus galhos altos. Sentia o suave aperto de suas garras como uma dor em um membro amputado. Acreditava que não estavam totalmente infelizes por terem pedido licença e saído da história.

Quando se instalou ali, suportou meses de ocasionais crueldades como é de esperar de uma árvore, sem reclamar. Não se voltava para ver qual menino havia atirado uma pedra nela, não inclinava o pescoço para ler os insultos rabiscados em sua casca. Quando as pessoas a xingavam — palhaça sem circo, rainha sem palácio —, ela deixava a mágoa se esvaír entre os galhos como uma brisa e usava a música do farfalhar das folhas como bálsamo para abrandar a dor.

Foi só quando Ziauddin, o imame cego que um dia conduziu as preces na Fatehpuri Masjid, ficou seu amigo e começou



a visitá-la que a vizinhança resolveu que estava na hora de deixá-la em paz.

Há muito tempo, um homem que sabia inglês lhe dissera que seu nome escrito de trás para a frente (em inglês) era Majnu. Na versão inglesa da história de Laila e Majnu, Majnu se chamava Romeu e Laila era Julieta. Ela achou muito engraçado. “Quer dizer que eu fiz um *khichdi* da história deles?”, perguntou. “O que vão fazer quando descobrirem que Laila pode na verdade ser Majnu e Romi era na realidade Juli?” Quando a viu de novo, o Homem Que Sabia Inglês disse que tinha se enganado. O nome dela soletrado ao contrário seria Mujna, que não era um nome e não queria dizer nada. A isso ela respondeu: “Não importa, eu sou Romi e Juli, sou Laila e Majnu. E Mujna, por que não? Quem disse que meu nome é Anjum? Não sou Anjum, sou Anjuman. Sou *mehfil*, sou uma reunião. De todos e de ninguém, de tudo e nada. Tem mais alguém que queira convidar? Todo mundo está convidado”.

O Homem Que Sabia Inglês falou que ela era esperta por ter se saído com essa. Disse que nunca tinha pensado nisso. Ela disse: “Como poderia, com o seu nível de urdu? Está pensando o quê? Que o inglês deixa você automaticamente inteligente?”.

Ele riu. Ela riu do riso dele. Compartilharam um cigarro com filtro. Ele reclamou que os cigarros Wills Navy Cut eram curtos e grossos e simplesmente não valiam o que custavam. Ela disse que sempre preferia esses aos Four Square ou aos muito masculinos Red & White.

Agora, ela não se lembrava do nome dele. Talvez nunca tivesse sabido. Ele fora embora fazia tempo, o Homem Que Sabia Inglês, para onde quer que tivesse de ir. E ela estava morando no cemitério, atrás do hospital do governo. Como companhia, tinha seu armário de aço da Godrej, no qual guardava sua música — discos riscados e fitas —, um velho harmônio, suas roupas,

jóias, os livros de poesia do avô, os álbuns de fotos e uns poucos recortes de jornal que tinham sobrevivido ao incêndio da Khwabgah. Levava a chave pendurada no pescoço por um fio preto junto com o palito de dentes de prata entortado. Dormia em um tapete persa surrado que mantinha trancado durante o dia e desenrolava entre dois túmulos à noite (como brincadeira secreta, nunca os mesmos em noites consecutivas). Ainda fumava. Ainda os Navy Cuts.

Uma manhã, enquanto lia o jornal em voz alta para o velho imame, que evidentemente não estava ouvindo, ele perguntou — fingindo um ar casual: “É verdade que até os hindus da sua gente são enterrados, não cremados?”

Pressentindo problemas, ela se esquivou. “Verdade? O que é verdade? O que é a Verdade?”

Evitando desviar de sua linha de interrogatório, o imame resmungou uma resposta mecânica. “*Sach Khuda hai. Khuda hi Sach hai.*” A Verdade é Deus. Deus é a Verdade. O tipo de sabedoria encontrado nos para-choques de caminhões rugindo pela estrada. Em seguida, apertou os olhos verdecegos e perguntou num verdissimulado sussurro: “Me conte, a sua gente, quando morre, onde é enterrada? Quem lava os corpos? Quem faz as orações?”

Anjum não disse nada durante um longo tempo. Depois se inclinou para a frente e sussurrou de volta, nada árvore: “Sahib imame, quando as pessoas falam de cor — vermelho, azul, laranja, para descrever o céu do anoitecer, ou o nascer da lua durante o *Ramzaan* —, o que passa pela sua cabeça?”

Tendo se ferido assim, profundamente, quase mortalmente, os dois ficaram sentados em silêncio lado a lado no túmulo enso-larado de alguém, sangrando. Por fim, foi Anjum quem quebrou o silêncio.

“Me diga o senhor”, disse ela, “o senhor é que é o sahib

imame, não eu. Aonde vão as aves velhas para morrer? Elas caem do céu em cima da gente feito pedras? A gente tropeça no corpo delas pelas ruas? Não acha que o que Tudo Vê, o Todo-Poderoso que pôs a gente nesta terra, tomou as devidas providências para nos levar embora?”

Nesse dia, a visita do imame terminou mais cedo que o normal. Anjum ficou olhando quando ele foi embora, tap-tap-tap por entre os túmulos, a bengala-olho fazendo música ao encontrar as garrafas de bebida vazias e as seringas descartadas que pontuavam seu caminho. Ela não o deteve. Sabia que ele ia voltar. Por mais elaborado que fosse o disfarce, ela reconhecia a solidão quando a encontrava. Sentiu que por alguma estranha via torta ele precisava da sombra dela assim como ela da dele. E aprendera por experiência que a Necessidade era um depósito capaz de abrigar uma quantia considerável de crueldade.

Mesmo que a saída de Anjum da Khwabgah tivesse sido nada cordial, ela sabia que os sonhos e segredos de lá não seriam traídos só por ela.

## 2. Khwabgah

Ela era a quarta de cinco filhos, nascida numa noite fria de janeiro, à luz de lampião (energia cortada), em Shahjahanabad, a cidade murada de Delhi. Ahlam Baji, a parteira que a trouxera ao mundo e a colocara nos braços da mãe enrolada em dois xales, disse: “É um menino”. Dadas as circunstâncias, seu erro era compreensível.

Com um mês da primeira gravidez, Jahanara Begum e seu marido resolveram que se o bebê fosse menino o chamariam de Aftab. Os três primeiros foram meninas. Estavam esperando seu Aftab havia seis anos. A noite do parto dele foi a mais feliz da vida de Jahanara Begum.

Na manhã seguinte, quando o sol estava alto e o quarto, gostoso e quente, ela desenrolou o pequeno Aftab. Explorou seu corpinho miúdo — olhos nariz cabeça pescoço axilas dedos das mãos dedos dos pés — com prazer saciado, sem pressa. Foi quando descobriu, aninhada debaixo de suas partes de menino, uma pequena, informe, mas inquestionável parte de menina.

É possível uma mãe ficar aterrorizada com o próprio bebê?

Jahanara Begum ficou. Sua primeira reação foi sentir o coração apertar e os ossos virarem cinzas. A segunda reação foi dar mais uma olhada para ter certeza de que não se enganara. A terceira reação foi rechaçar aquilo que havia criado enquanto suas entranhas entravam em convulsão e um fino fio de merda escorria por suas pernas. A quarta reação foi considerar a possibilidade de matar a si mesma e à criança. A quinta reação foi pegar o bebê e apertá-lo contra si enquanto caía numa fenda entre o mundo que conhecia e mundos cuja existência ignorava. Ali, no abismo, girando na escuridão, tudo o que tinha por certo até então, cada coisa, da menor à maior, cessou de fazer sentido para ela. Em urdu, a única língua que conhecia, todas as coisas, não apenas as coisas vivas, mas *todas* as coisas — tapetes, roupas, livros, canetas, instrumentos musicais — tinham gênero. Tudo era ou masculino ou feminino, homem ou mulher. Tudo, menos seu bebê. Sim, claro, ela sabia que havia uma palavra para os iguais a ele — *Hijra*. Duas palavras, na verdade, *Hijra* e *Kinnar*. Mas duas palavras não fazem uma língua.

Era possível viver fora da língua? Naturalmente essa pergunta não se formou dentro dela em palavras, ou como uma única frase, lúcida. Formou-se para ela como um uivo sem som, embrionário.

A sexta reação foi se lavar e decidir não contar a ninguém por enquanto. Nem ao marido. A sétima reação foi se deitar ao lado de Aftab e descansar. Como o Deus dos cristãos fez depois de criar o Céu e a Terra. Só que, no caso dele, o descanso viera depois de dar sentido ao mundo que criara, enquanto Jahanara Begum descansou depois de aquilo que criara revirar seu sentido do mundo.

Afinal, não era uma vagina de fato, disse a si mesma. Suas passagens não estavam abertas (ela conferiu). Era só um apêndi-

ce, uma coisa de bebê. Talvez viesse a fechar, ou sarar, ou sumir de alguma forma. Ela ia rezar em todos os santuários que conhecia e pedir ao Todo-Poderoso que fosse misericordioso com ela. Ele atenderia. Ela sabia que sim. E talvez o fizesse de um jeito que ela não compreenderia totalmente.

No primeiro dia em que se sentiu capaz de sair de casa, Jahanara Begum levou o bebê Aftab com ela ao dargah de Hazrat Sarmad Shahid, uma caminhada fácil, a dez minutos de sua casa. Não sabia ainda a história de Hazrat Sarmad Shahid e não fazia ideia do que levava seus passos com tanta certeza na direção de seu santuário. Talvez ele a tivesse chamado para si. Ou talvez ela se sentisse atraída pelas pessoas estranhas que via acampadas por lá quando passava a caminho do bazar Mina, o tipo de gente que em sua vida anterior ela não se dignaria nem a olhar, a menos que cruzassem seu caminho. De repente, aquelas pessoas pareciam ser as mais importantes do mundo.

Nem todos os visitantes do dargah de Hazrat Sarmad Shahid sabiam sua história. Alguns conheciam partes, alguns não sabiam nada e alguns inventavam suas próprias versões. A maioria sabia que ele era um comerciante judeu armênio que viera da Pérsia para Delhi em busca do amor de sua vida. Poucos sabiam que o amor de sua vida era Abhay Chand, um rapazinho hindu que conhecera em Sindh. Quase todos sabiam que ele renunciara ao judaísmo e se convertera ao islã. Poucos sabiam que sua busca espiritual acabaria por levá-lo a renunciar também ao islamismo. Quase todos sabiam que ele vivera nas ruas de Shahjahanabad como um faquir nu antes de ser executado em praça pública. Poucos sabiam que a razão da execução não era a sua nudez pública, mas a ofensa causada por sua apostasia. Aurangzeb, imperador na época, convocou Sarmad a sua corte e pediu que ele provasse que era um verdadeiro muçulmano recitando o *Kalima*: *la ilaha illallah, Muhammad-ur rasul Allah* — Não existe

nenhum Deus além de Alá e Maomé é seu Profeta. Sarmad estava nu diante da corte real no Forte Vermelho, diante de um júri de qazis e maulanas. As nuvens pararam no ar, as aves se imobilizaram no meio do voo e o ar do forte ficou pesado, impenetrável, quando ele começou a recitar o Kalima. Mas assim que começou ele se deteve. Tudo o que disse foi a primeira frase: *la ilaha*. Não existe nenhum Deus. Ele insistiu que não conseguia ir adiante enquanto não completasse sua busca espiritual e pudesse abraçar Alá de todo coração. Até então, disse, recitar o Kalima seria apenas um simulacro de oração. Aurangzeb, com o apoio de seus qazis, ordenou que Sarmad fosse executado.

Seria um erro concluir, a partir disso, que aqueles que iam prestar respeito a Hazrat Sarmad Shahid sem saber da história o faziam por ignorância, sem pensar muito em fatos e história. Porque dentro do dargah, o espírito de Sarmad, insubordinado, intenso, palpável e mais verdadeiro que qualquer acúmulo de fatos históricos poderia ser, aparecia aos que buscavam suas bênçãos. Ele celebrava (mas nunca pregava) a virtude da espiritualidade acima do sacramento, da simplicidade acima da opulência e do amor persistente, extático, mesmo diante da perspectiva de aniquilação. O espírito de Sarmad permitia que aqueles que vinham a ele se apropriassem de sua história e a transformassem no que precisassem que ela fosse.

Quando Jahanara Begum passou a ser uma figura conhecida no dargah, ouviu (e depois espalhou) a história que contava que Sarmad havia sido decapitado na escadaria da Jama Masjid diante de um verdadeiro oceano de gente que o amava e se reuniria para lhe dar adeus. Que sua cabeça continuara a recitar seus poemas de amor, mesmo depois de separada do corpo, e que ele pegara sua cabeça falante, tão casualmente como um motociclista de hoje pegaria o capacete, e subira a escadaria para dentro da Jama Masjid e, depois, ainda casualmente, fora direto para o céu.

Por isso, dizia Jahanara Begum (a quem quisesse ouvir), no minúsculo dargah de Hazrat Sarmad (cravado como uma lapa na base da escada leste da Jama Masjid, no ponto exato onde o sangue dele escorreu e formou uma poça), o piso é vermelho, as paredes são vermelhas, o teto é vermelho. Mais de trezentos anos se passaram, ela insistia, mas não se conseguia lavar o sangue de Hazrat Sarmad. Podiam pintar seu dargah da cor que quisessem, insistia ela, com o tempo ficava tudo vermelho por conta própria.

Na primeira vez em que atravessou a multidão — vendedores de perfumes *ittars* e amuletos, zeladores dos sapatos dos peregrinos, aleijados, mendigos, sem-teto, carneiros engordados para o abate em Eid e o grupo de eunucos velhos e calados que tinha passado a morar debaixo de uma lona diante do santuário — e entrou na minúscula câmara vermelha, Jahanara Begum se acalmou. Os ruídos da rua ficaram distantes e pareciam vir de muito longe. Ela se sentou num canto com o bebê dormindo no colo, observou as pessoas, muçulmanos e hindus também, que entravam sozinhas ou em duplas para amarrar fitas vermelhas, pulseiras vermelhas e bilhetes de papel em uma grade em torno da tumba, implorando que Sarmad as abençoasse. Foi só depois de notar um velho translúcido com pele seca como papel e uns tufo de barba de luz coada sentado num canto, oscilando para a frente e para trás, chorando em silêncio como se estivesse com o coração partido, que Jahanara Begum permitiu que suas próprias lágrimas rolassem. *Este é meu filho, Aftab*, ela sussurrou a Hazrat Sarmad. *Trouxe ele aqui para você. Cuide dele. E me ensine como amar essa criança.*

Hazrat Sarmad ensinou.

\*

Durante os primeiros anos da vida de Aftab, o segredo de Jahanara Begum se manteve. Enquanto ela esperava a parte de



menina dele cicatrizar, mantinha-o sempre perto e era ferozmente protetora. Mesmo depois que nasceu seu filho mais novo, Saqib, ela não permitia que Aftab se afastasse muito dela sozinho. Não era um comportamento fora do comum para uma mulher que havia esperado tanto e tão ansiosamente um filho homem.

Quando Aftab tinha cinco anos, começou a frequentar o madraçal para meninos em Churiwali Gali (a alameda das lojas de pulseiras). Em um ano, era capaz de recitar uma boa parte do Alcorão em árabe, embora não ficasse claro o quanto ele entendia daquilo — isso também valia para todas as outras crianças. Aftab era um aluno acima da média, mas desde muito pequeno ficou claro que seu dom verdadeiro era para a música. Tinha uma voz doce, realmente musical, e era capaz de pegar uma melodia depois de ouvir apenas uma vez. Os pais resolveram mandá-lo para Ustad Hamid Khan, um excepcional músico jovem que ensinava música hindustâni clássica a grupos de crianças em suas apertadas acomodações em Chandni Mahal. O pequeno Aftab nunca perdeu uma aula. Aos nove anos, era capaz de cantar uns bons vinte minutos de *bada khayal* nas ragas Yaman, Durga e Bhairav e fazer a voz flutuar timidamente para escapar do *rekhab* bemol na raga Puriya Dhanashri como uma pedra que resvala pela superfície de um lago. Sabia cantar Chaiti e Thumri com a maestria e a postura de uma cortesã de Lucknow. No começo as pessoas achavam interessante e até estimulavam, mas logo a gozação e provocação das outras crianças começou: *Ele é uma Ela. Ele não é um Ele ou uma Ela. Ele é Ele e Ela. Ela-Ele, Ele-Ela. Hi! Hi! Hi!*

Quando a gozação se tornou insuportável, Aftab parou de ir às aulas de música. Mas Ustad Hamid, que o adorava, se ofereceu para ensiná-lo separadamente, sozinho. Então as aulas de música continuaram, mas Aftab se recusou a continuar indo à escola. A essa altura, as esperanças de Jahanara Begum haviam

praticamente se esvaído. Não havia sinal de cicatrização à vista. Ela conseguiu protelar a circuncisão durante alguns anos, com uma série de desculpas criativas. Mas o pequeno Saqib estava na fila, esperando a dele, e ela sabia que não dava mais para protelar. Acabou fazendo o que tinha de fazer. Reuniu coragem e contou ao marido, rompendo em pranto de tristeza e ao mesmo tempo de alívio por ter finalmente alguém com quem repartir seu pesadelo.

O marido, Mulaqat Ali, era um hakim, praticante de medicina tradicional fitoterápica e admirador da poesia urdu e persa. Durante toda a vida, trabalhou para a família de outro hakim — Hakim Adbul Majid, que criara uma popular marca de refresco chamada Ruh Afza (“Elixir para a alma” em persa). Ruh Afza, feito com sementes de khurfa (beldroega), uva, laranja, melancia, menta, cenoura, um toque de espinafre, sementes de papoula, dois tipos de lírios e um destilado de rosas adamskadas, era supostamente um tônico. Mas as pessoas descobriram que duas colheres de sopa do cintilante xarope cor de rubi e um copo de leite frio ou mesmo de água não só era uma delícia, como também era uma defesa eficiente contra os verões escaldantes de Delhi e as estranhas febres que sopravam com o vento do deserto. Ruh Afza tornou-se uma empresa próspera e um nome familiar. Durante quarenta anos, dominou o mercado, mandando seu produto da sede na cidade velha até Hyderabad e até o oeste do Afeganistão. Então veio a Partição. A carótida de Deus explodiu na nova fronteira entre Índia e Paquistão e um milhão de pessoas morreu de ódio. Vizinhos se voltaram uns contra os outros como se não se conhecessem, nunca tivessem ido aos casamentos uns dos outros, nunca cantado as canções uns dos outros. A cidade murada se abriu. Velhas famílias fugiram (muçulmanas). Novas família chegaram (hindus) e se instalaram em torno das muralhas da cidade. Ruh Afza teve um sério abalo, mas logo se